

## **A LINGUAGEM NO ENSINO RELIGIOSO: LIMITES E POSSIBILIDADES.**

*MOCELLIN, Teresinha Maria (PUC/SP)*

### **INTRODUÇÃO**

O fenômeno da linguagem no ensino religioso, nem sempre contou com uma profusão de estudos em torno do seu discurso específico. O texto quer chamar atenção para a importância do uso da linguagem e focalizar de um modo simples, este aspecto ainda virtualmente inexplorado.

A linguagem humana é uma forma especializada de comunicação. A linguagem cotidiana determina a estrutura do nosso pensamento. Isto é nosso vocabulário determina como percebemos e categorizamos o mundo ao nosso redor.

Especialistas entusiasmados pelo “segundo” Wittgenstein (1953) acreditam que a linguagem influencia a forma como as pessoas pensam e abordam os problemas. Van Buren (1972) propôs que a linguagem é o nosso modo tipicamente humano de possuir e descobrir o nosso mundo (1977, p.64). E como diria Wittgenstein, o ser humano como um todo é um ser de linguagem. Oliveira se aproxima dessa forma de pensar, e diz, (...) não existe mundo que não seja exprimível na linguagem. A linguagem é o espaço de expressividade de mundo, a instância da articulação de sua inteligibilidade. (OLIVEIRA, 1996, p. 13).

Ao Fórum Nacional Permanente de Ensino Religioso não passou despercebida a visão da linguagem como espaço de expressividade do mundo.

Vivemos em um mundo que se transforma velozmente. (...) uma das questões fundamentais deste mundo é a linguagem. Pode-se dizer que os mundos, os mundos das distintas culturas e o universo e os universos são constituídos e estruturados pela linguagem e como linguagem. (FÓRUM NACIONAL PERMANENTE, 2001, p.78).

Pela linguagem significamos o que está a nossa volta, produzimos sentido o tempo todo: situações, imagens, gestos, objetos são signos partilhados por sujeitos em interação. Por ela, prescrevemos, descrevemos, advertimos, aconselhamos, recomendamos, informamos, persuadimos. Referimo-nos ao mundo e o descobrimos, pintando-o com uma variedade de formas. Com a linguagem construímos ou aceitamos dos outros, o mundo que nos circunda.

Com a crescente diversificação religiosa no Brasil e a afirmação de um pluralismo religioso insuperável há, certamente, que privilegiar uma linguagem própria competente e consistente.

Portanto, é imprescindível lidar de maneira pensante com a linguagem no ensino religioso, isto significa incluir necessariamente à sensibilização à diversidade cultural, com suas múltiplas e infinitas características, presentes nas diferentes culturas, respeitando a diversidade encontrada em cada uma delas.

Deste modo, o funcionamento da linguagem inclui uma fundamentação do ponto de vista da solidariedade e da ética.

Nessa direção Queiroz, destaca os princípios e rumos para educar para a solidariedade colhidos no livro: *Ensaio de complexidade*, de Edgar Morin, onde nas primeiras páginas já aparece a estreita vinculação da ética “complexa”, com a solidariedade:

A solidariedade pertence à fonte individual da ética, estampada no princípio de inclusão, que inscreve o indivíduo na comunidade (...) impulsionando-o à amizade e ao amor, levando-o ao altruísmo. ( QUEIROZ, 2006, p.50).

O mesmo pensador aponta a solidariedade como uma contribuição eficaz no campo da linguagem. A incerteza do campo ético considerado aqui como jogo de linguagem não passa despercebido em sua análise. Queiroz preocupa-se com as incertezas que envolvem a ética como seqüelas que repercutem no agir solidário diz:

(...) muitas ações consideradas salutares podem ter efeitos colaterais adversos. Nem sempre a relação entre fins e meios é cristalina e , conforme as circunstâncias, pode ocorrer permuta de finalidades. Dependendo do contexto histórico, são possíveis derivações e inversões que destoam dos princípios estabelecidos , e não raro defrontamo-nos com imperativos éticos contraditórios. ( QUEIROZ, 2006, p.52).

Desta forma, dependendo do contexto histórico, o locutor, enquanto porta – voz de um discurso dentro de uma cultura própria produz uma fala no interior de uma formação ideológica, apresenta uma visão que lhe é peculiar. Assim, ao interpretar um Texto Sagrado, da concretização material a da relação com o deus de eficácia, de trocas, de milagre ou de maldições, de preces e súplicas, ou a apresentação de Deus

num quadro politeísta, faz-se através da linguagem. Pode-se afirmar que é na questão da linguagem, que se revelam os sentimentos e verdades.

### ***A força da linguagem no Ensino Religioso.***

A linguagem não é neutra. Ela está presente no processo de perceber e avaliar as situações percepções implicada em qualquer e em todas as tentativas de compreender a realidade. Toda reflexão está ligada, incondicionalmente, ao alcance da atuação e compreensão da linguagem como espaço de expressividade.

Psicólogos, sociólogos, antropólogos, teólogos, acreditam que a linguagem influencia a forma como as pessoas pensam e abordam os problemas. Para Paul M. Van Buren:

A linguagem nos coloca numa situação circular: é como uma pessoa que examina seu olho mas deve usar seus olhos para examiná-lo. Como ser lingüístico pode dar-nos à tarefa de entender o que é para nós a nossa linguagem. (VAN BUREN, 1977, p. 53).

Isto nos faz concluir que, aprender um novo modo de falar do mundo é adquirir um novo modo de compreendê-lo,

As argumentações referidas anteriormente, permitem considerar a linguagem como uma forma criativa de expressão, pela qual colocamos juntos os sons e símbolos de acordo com regras específicas. Esta forma de pensar há, uma semelhança, que leva a concordar com o pensamento de José Severino Croatto, que diz:

Todas as culturas e todos os povos tiveram e têm uma expressão religiosa. Dizer expressão é falar de manifestações de ordem religiosa que têm seu veículo na simbologia, na linguagem, na literatura, na arte, em rituais variadíssimos, nos corpos doutrinários, em modelos de vida. (CROATTO, 2001, p. 9).

A linguagem humana é uma forma especializada de comunicação. Aquilo que é expresso de tantas maneiras, de fato, compreende todos os registros da atividade humana. Ela influencia a forma como as pessoas pensam e abordam os problemas.

É importante perceber que a linguagem e sua legitimidade científica, poética, filosófica teológica enquanto nível de linguagem pode ser uma categoria frutífera para a análise e comparação entre as diversas religiões, um referencial extraordinário, para estudo, comparações e especificações das tradições.

No entender de Scopinho, Vátimo sustenta que não há um sentido único de compreensão da realidade, e que não existe uma verdade como fundamento único. Assim,

(...) a verdade é vista, não como um saber estável, mas como uma possibilidade de confronto entre os diversos tipos de saberes (...) tudo o que se apresenta no mundo torna-se necessário interpretar e argumentar com razões verossímeis, persuasivas, não mostrando o objeto como tal, mas como ele é interpretado.( SCOPINHO, 2004, p. 106).

Essa afirmação nos leva a concluir que no cotidiano, canonizar um texto é concorrer para o fortalecimento de processos de identificação cultural e lingüística, do locutor em causa.

A partir da segunda metade do século XX, vários pensadores, se manifestaram sobre a função da linguagem. Dentre eles, Wittgenstein que, em sua renomada obra - Investigações Filosóficas - abriu uma nova visão na área das ciências, cujo saber forçou um novo olhar sobre as religiões, que aqui corresponde em larga parte, a função da linguagem no ensino religioso, disciplina que exige ampla compreensão e uso corrente da linguagem em sua aparente transparência.

Todavia, isto é determinante e complexo. A relação com a linguagem no ensino religioso é complexa porque a realidade que ela nomeia e manifesta também é complexa.

Nesse abrangente campo, as abordagens provocativas de Ludwig Wittgenstein nos “Jogos de linguagem”, nos desafiam a encontrar caminhos alternativos e criativos para desvendar, quais as formas de linguagem se constituem em um item do mal-estar no Ensino Religioso

### ***Os limites da linguagem no ensino religioso.***

A linguagem tem limites, isto é, ela é um comportamento regido por regras. Não observar as regras é preterir a própria linguagem. As regras são convenções para usar as palavras em determinadas circunstâncias e para certos objetivos. A definição delas, nos impõe restrições.

Para qualquer palavra ou expressão, as regras que determinam o seu uso nos permitem caminhar até certo ponto e não além.

No exercício de sua prática pedagógica o professor é o socializador, aquele que envolve o educando levando-o a interagir com o conhecimento dos conteúdos do ensino religioso, fazer leitura, descobrir e redescobrir.

Nesta reflexão percebe-se que outro mal-estar do ensino religioso se dá na caracterização de um Texto Sagrado, base da formulação de uma religião, na linguagem usada na dimensão de sua inalterabilidade.

O modo como é usada a linguagem, o ato de comunicação ou de informação, dá margem a contínuos mal-entendidos ou equívocos. Neste sentido, a linguagem não expressa todo o real, por causa de suas limitações.

Às vezes, a transmissão da mensagem fica prejudicada pelo uso inadequado da linguagem.

No quadro de nomeação dos deuses, das divindades de uma determinada religião, a linguagem é um dos mais profundos campos de formulação de uma racionalidade e/ou reducionismo religioso.

A linguagem se torna mais limitada quando, em Textos Sagrados redigidos em línguas que os cultuantes não dominam, é o veículo e o próprio motor da crença.

Walter Burkert, da forma como interpreta a linguagem, nos remete a observá-la como item do mal-estar do ensino religioso, pois analisa a linguagem no seu limite incapaz de atingir a perfeição, no que diz respeito ao sobrenatural. Diz:

Em termos de linguagem exprimir-se-á do superlativo: deus é o primeiro, o maior, o mais forte, o absoluto. (...) a própria linguagem como sistema de significação, parece necessitar de um "significante último", do absoluto, de deus. (BURKERT, 2001, p. 40-41).

Mediante este pensamento, pode-se constatar que a linguagem tem limites na realização do discurso religioso das idéias de um domínio específico de conhecimento, no seu funcionamento. Como Wittgenstein afirma, "os limites da linguagem são os limites do nosso mundo"

Por ser a linguagem um recurso usado pelo professor para socializar o conhecimento religioso, necessita adequar-se aos conhecimentos construídos ao longo da história da humanidade, por diferentes tradições religiosas.

Vale resgatar dentro dessa reflexão, o que os parâmetros nacionais de ensino religioso, dizem :

Transitar pelas culturas e tradições, enquanto textos complexos, significa ter que se dar conta de que não há um único modo ou maneira de olhar e

escutar a realidade das coisas existentes e não existentes. Nenhuma teoria da conta de explicar todos os processos.(FÓRUM NACIONAL, 2001, p.29).

Nessa perspectiva, a linguagem no Ensino Religioso, pode reunir o sagrado e o profano, evocar os deuses e as forças cósmicas para o meio do mundo dos místicos em oração, e tem o poder de levar os humanos até o interior do sagrado, ou seja, como acontece tornar-se fonte de mal-estar.

Neste estudo, é possível perceber que o ensino religioso traz como mal-estar o fenômeno da linguagem, onde se realiza a interpretação da história e o respeito à diversidade encontrada em cada cultura.

### **A metáfora do jogo na linguagem do Ensino Religioso.**

O termo "jogo de linguagem" surge quando, a partir de 1932, Ludwig Wittgenstein passa a estender a analogia do jogo à linguagem como um todo.

Ele chama atenção para as várias semelhanças entre a linguagem e o jogo. O ponto de partida para ambas as analogias é que a linguagem é uma atividade guiada por regras. Assim como o jogo, a linguagem possui regras constitutivas, as regras da gramática.

Wittgenstein refere-se à linguagem como um jogo, a fim de salientar que a linguagem é constitutiva da atividade humana: os seres humanos fazem coisas com as palavras.

Na esteira de Wittgenstein podemos afirmar que no ensino religioso, aprendemos o significado das palavras, aprendemos a utilizá-las, da mesma forma que aprendemos a jogar xadrez.

Perspectivada pela metáfora do jogo, a linguagem aparece como um fenômeno indissociável da vida de quem a usa, como um instrumento que se utiliza conforme regras determinadas e fins que se procuram atingir.

A linguagem encerra uma lógica de jogo que não se reduz simplesmente ao campo da racionalidade cartesiana. Ela própria é um campo de racionalidade, um jogo capaz de criar suas regras, possível de ser jogada em qualquer patamar racional.

Só existe num quadro de indivíduos em que ela apresente uma funcionalidade clara, isto é, funcione especificamente no grupo de detentores daquele conhecimento. Neste sentido, compreende-se que a falta de detenção do conhecimento, é um dos

mal- estares do ensino religioso e, por isso, não possibilita ao professor realizar satisfatoriamente o jogo .

Segundo a atribuição de significados e sentidos, na reflexão de Wittgenstein, a linguagem pode ser entendida mediante a lógica de um jogo no qual, quem nele participa está, de fato, enredado num quadro que lhe possibilita “jogar”.

Sem o conhecimento, a compreensão e o domínio das regras em causa, não se é efetivamente parceiro no jogo.

Jean-François Lyotard aprofunda esta afirmação, utilizando um conceito de Wittgenstein

(...) na ausência de regras não há jogo; a modificação de regras modifica o jogo; um lance ou um enunciado fora das regras não pertence ao jogo definido por elas.( LYOTARD,1993, p.17).

Neste sentido, a linguagem no ensino religioso, perspectivada pela metáfora do jogo, aparece como um processo mental de manifestação do pensamento e de natureza essencialmente consciente, na relação professor x aluno x conhecimento.

O estudo sobre o ensino religioso é tema extremamente complexo o que envolve a captação de uma originalidade de identidade do fenômeno religioso e a abertura para a dinâmica da interdisciplinaridade. Essas modalidades pressupõem, obviamente, o conhecimento da realidade cultural, tendo em vista uma multiplicidade de visões.

### **Algumas considerações**

Como podemos deduzir, a codificação ou a simplificação da linguagem pode tornar-se um mal-estar indesejável para o ensino religioso, uma vez que restringe a capacidade de entendimento , constituindo-se numa comunicação ideológica de mão única , anti-ética, desrespeitosa com o diferente.

A estreita relação entre a linguagem e o ensino religioso faz aumentar significativamente o interesse na investigação da conceituação, sua relação com o concreto exercício da leitura e interpretação.

Considerando a importância dos conhecimentos básicos, teóricos e práticos sobre a linguagem e seu funcionamento, sua força e a importância de interpretação (palavras, textos, situações, seu sentido de vida), é significativo que os cursos de formação para os professores de ensino religioso introduzam questões selecionadas de lingüística e de hermenêutica.

Desta forma, o ensino religioso, com aura religiosa, definido ao nível de comunicação, pertence ao universo mental e, em virtude de sua importância, interessa-nos perceber como os jogos de linguagem se aplicam ao mesmo.

Por intermédio da linguagem, a informação pode ser não apenas adquirida, processada e individualmente armazenada, mas também transmitida as pessoas com cultura, credo religioso e visões diferentes.

A linguagem no Ensino Religioso é um campo vasto e complexo de ser trabalhado, mesmo porque a linguagem não é um nome de um fenômeno único, mas o nome de um indefinido número de jogos de linguagem.

Para entendê-los é preciso saber como funcionam, como se aplicam. Cada jogo tem suas regras próprias e , a expressão “jogo de linguagem” faz parte de uma atividade ou uma forma de vida.

A partir dessas considerações, mostrar como a linguagem se caracteriza em um item do mal-estar, implica proporcionar uma concepção de linguagem ao ensino religioso que lhe confira identidade, uma representação da linguagem com validade universal.

Ao mesmo tempo em que a linguagem facilita nosso pensamento, capacita-nos a manipular símbolos mentalmente, comunicar nossas idéias, pensamentos e sentimentos, ela pode ser um mecanismo de incompreensão, dominação e desrespeito ao diferente.

## **Bibliografia**

BURKERT, Walter. A Criação do Sagrado: Vestígios biológicos nas antigas religiões. Lisboa Portugal: Edições 70, 2001.

CROATTO, José Severino. As linguagens da experiência religiosa: uma introdução a fenomenologia da religião. São Paulo: Paulinas, 2001.

FÓRUM NACIONAL PERMANENTE DO ENSINO RELIGIOSO. Parâmetros Curriculares Nacionais. São Paulo: Ave Maria, 7 edição, 2004.

LYOTAR, Jean-François. O Pós-Moderno. Tradução Ricardo Correia Barbosa. Rio de Janeiro: Livraria José Olimpio Editora S.A, 1993.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. Reviravolta lingüística pragmática na filosofia contemporânea. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

QUEIROZ, José J. Educar para a Solidariedade: Princípios e Rumos. In: ALAMEIDA, C; PETRAGLIA, I. Estudos de Complexidade. São Paulo: Xamà, 2006.

SCOPINHO, Sávio Carlos Desan. Filosofia e Sociedade Pós-Moderna - Crítica filosófica de G. Vattimo ao pensamento moderno. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Investigações filosóficas. Trad. José Carlos Bruni. Vol. XLVI. São Paulo: Abril Cultural, 1975. Col. Os Pensadores.

VAN BUREN, M. Paul, Alle frontiere del linguaggio .Roma: Armando Editore, 1977.